

A ABORDAGEM DAS AVALIAÇÕES EXTERNAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Adriana Santos Batista¹

Resumo

Neste artigo apresentam-se algumas considerações sobre a forma como se abordam, em textos jornalísticos, as avaliações educacionais externas. O principal objetivo é analisar quais são as vozes autorizadas pela mídia a discutirem aspectos educacionais; para tanto, foram selecionados dois textos publicados por um jornal e uma revista em 2011. Como aparato teórico, mobilizaram-se as considerações de Authier-Revuz sobre heterogeneidade discursiva (1990) e conceitos da Análise do Discurso, predominantemente a noção de formação imaginária, de Pêcheux (1993).

Palavras-chave

Heterogeneidade discursiva; discurso jornalístico; avaliação externa; educação.

¹ Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus X, Teixeira de Freitas; doutoranda em Letras: Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: drisb11@yahoo.com.br.

Introdução

As avaliações educacionais externas tornaram-se pauta frequente em jornais e revistas de grande circulação, sendo discutidas não somente nos cadernos dedicados a temas educacionais. Essa profusão de textos com relação à situação do ensino no Brasil, não raro proferidos por pessoas não ligadas à educação, suscita concepções de ensino e de resultados ideais por vezes desvinculadas das informações veiculadas pelos resultados dos testes. Dado esse cenário, nesta pesquisa propõe-se, por meio da análise de textos jornalísticos cujo tema central são as avaliações externas, uma discussão acerca da heterogeneidade discursiva perceptível nesse material, ou seja, das vozes que são autorizadas a discutirem aspectos educacionais.

Para tanto, como *corpus* de análise, selecionaram-se dois textos veiculados por um jornal e uma revista, publicados em 2011, que, de alguma forma, discutiram resultados, aplicação ou possibilidades de uso de avaliações externas da educação básica, tais como: Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), Prova Brasil, Saesp (Sistema de avaliação do rendimento escolar do Estado de São Paulo), Prova São Paulo e Prova da Cidade. Constituem o referencial teórico as considerações de Authier-Revuz sobre heterogeneidade discursiva (1990) e a noção de formação imaginária, de Pêcheux (1993). A metodologia de pesquisa teve como base o tratamento qualitativo dos dados.

Vozes e imagens

Segundo Authier-Revuz, a heterogeneidade pode se manifestar como fator constitutivo do texto, sem a presença de marcas delimitando as diferentes vozes, ou de forma evidenciada, com marcas textuais. No primeiro caso, tem-se a heterogeneidade constitutiva e, no segundo, a mostrada, que pode ser marcada (com a presença de aspas, travessões, comentários, etc.) ou não marcada. A pesquisadora se refere a elas como:

Heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso representam duas ordens de realidade diferentes: a dos processos reais de constituição dum discurso e a dos processos não menos reais, de representação, num discurso de sua constituição. (1990, p. 32)

Com relação à noção de formações imaginárias, de acordo com Pêcheux, inerente à comunicação há a construção de redes de imagens que os interlocutores fazem de si, do assunto e do papel que ambos exercem. Trata-se de “uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem a cada um, a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (1993, p. 82).

No caso dos textos analisados, faz-se necessária a articulação desses conceitos para que se possa discutir, não apenas quais imagens de educação se propagam, mas quais são as vozes autorizadas a disseminá-las.

Em “Avaliações em série confundem professores”, título de matéria publicada em 20 de junho de 2011 no caderno Vida, do jornal O Estado de São Paulo, caracterizam-se negativamente os professores ao apresentá-los como objeto das avaliações e confundidos por elas. Durante o texto, as escolhas lexicais relacionadas aos professores reforçam essa imagem, conforme segue:

Trecho ²	Voz autorizada	Origem
Avaliações em série confundem professores		Título
Educadores têm dificuldade de analisar resultado do Ideb e cumprir meta		Lide
“O número sozinho não significa nada. E os professores se queixam muito da dificuldade que têm para entender os resultados ”	Maria Helena Guimarães, ex-secretária de Educação do Estado de São Paulo, integrante da ONG Parceiros da Educação ³	Corpo do texto
47% [dos coordenadores pedagógicos do país] não souberam dizer o resultado de sua escola no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica	Informação extraída de pesquisa da Fundação Vitor Civita	Corpo do texto
“[...] O MEC encomendou estudos, pesquisas, análises dos resultados, mas não existe um relatório pedagógico que seja compreensível para os professores da rede básica”	Maria Helena Guimarães	Corpo do texto
“[...] Vimos a angústia deles [coordenadores e diretores] por não compreenderem com clareza e, por isso, não conseguem trabalhar melhor ”	Eloísa de Blasis, do Centro de Estudos e Pesquisa de Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)	Corpo do texto

Quadro 1 – Escolhas lexicais e heterogeneidade na matéria “Avaliações em série confundem professores”

Embora o foco sejam os professores, durante todo o texto não há exemplos de heterogeneidade mostrada, marcada ou não, em que o professor tenha voz. No decorrer da matéria, ele é falado por outras vozes, tais como: a ex-secretária de educação do Estado de São Paulo; a Fundação Vitor Civita e uma representante de um centro de pesquisas educacionais. Dentre os trechos provenientes de instâncias externas ao jornal, verificam-se escolhas lexicais relacionadas a campos semânticos negativos, do desconhecimento, ignorância e despreparo. Assim, constrói-se uma imagem dos profissionais de educação como aqueles que confundem; têm dificuldade; queixam-se da dificuldade que têm para entender os resultados; não sabem dizer o resultado de sua escola no Ideb; não são capazes de compreender relatórios pedagógicos; angustiam-se por não compreenderem com clareza e não conseguem trabalhar melhor.

Proveniente da revista *Época*, a matéria “Nota insuficiente para o Enem”, publicada em 16 de setembro de 2011 tem como foco as fragilidades do exame. A seguir, há alguns trechos que indicam a heterogeneidade mostrada no texto:

² Destaques inseridos.

³ Informação proveniente da matéria.

Trecho ⁴	Voz autorizada	Origem
“O Enem falha na hora de levar em conta as diferenças regionais e socioeconômicas das escolas”	Francisco Soares, da Universidade Federal de Minas Gerais	Corpo do texto
“O Enem caminha para ser a primeira fase desses vestibulares”	Mauricio Kleinke, coordenador no vestibular da Unicamp	Corpo do texto
Mas [o MEC] gerou horror na maioria dos educadores, que afirmam que, para classificar uma escola como boa ou ruim, é preciso levar em conta inúmeros outros critérios, além de uma avaliação padronizada		Corpo do texto
“É impossível avaliar a escola ideal para meus filhos levando em conta apenas uma nota”	Andrea Barbosa, mãe de aluno	Corpo do texto

Quadro 2 – Heterogeneidade na matéria “Nota insuficiente para o Enem”

No texto, dá-se voz a diferentes setores da sociedade que têm interesse na organização e resultados do Enem: professor universitário; coordenador de vestibular e mãe de aluno. Suas falas são inseridas no texto de maneira mostrada e marcada, por meio do discurso direto, com aspas e com referência a seus nomes e meios em que se inserem. São, portanto, vozes autorizadas pela revista a tecerem comentários sobre o teste. Quando se aborda a opinião dos educadores, entretanto, diz-se, em discurso indireto, que a maioria deles afirma ser necessário considerar outros critérios. Neste texto, também há uma situação em que os educadores são falados, atribui-se a eles uma opinião, sem indicação de fonte ou referência nominal.

Considerações finais

Considerando a expressiva cobertura jornalística que se tem dado a resultados de avaliações externas, o exame desse material faz-se necessário, pois, se os discursos propagados atingem um grande público, cabe questionar quais imagens, das avaliações, de educação e dos professores, eles difundem.

A partir dos textos analisados, verificou-se que os professores da educação básica têm pouca presença enquanto vozes autorizadas a discutirem as avaliações externas. Entretanto, apesar da não inserção de suas opiniões, nos textos em questão eles são falados por representantes de outras instâncias discursivas ou associados a discursos do senso comum, sem referência específica. Essa abordagem, por vezes com escolhas lexicais de campos semânticos negativos, constrói uma imagem de desconhecimento e ignorância do professor com relação às avaliações externas.

Por fim, deve-se acrescentar que a abordagem aqui proposta pretende fomentar discussões sobre o impacto discursivo dos textos jornalísticos no imaginário que se constrói acerca do ensino e dos professores.

⁴ Destaques inseridos.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul/dez. 1990.

BALMANT, Ocimara. Avaliações em série confundem professores. **O Estado de São Paulo**. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,avaliacoes-em-serie-confundem-professores,734594,0.htm>>. Acesso em 01 mar. 2012.

GUIMARÃES, Camila. Nota insuficiente para o Enem. **Revista Época**. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2011/09/nota-insuficiente-para-o-enem.html>> . Acesso em 01 mar. 2012.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 61-161. ISBN: 85-268-0160-0.